

Aspectos socioeconômicos da produção de alimentos orgânicos em Palotina PR

João Victor Martinelli¹; Christopher Johnny Armstrong²; Juliano Cordeiro³.

Resumo: O sistema orgânico de produção de alimentos pressupõe um manejo holístico do ecossistema, enfatizando a preservação do meio ambiente e da saúde humana. Adota medidas que aperfeiçoam o uso dos recursos naturais, ao mesmo tempo em que gera qualidade de vida, soberania alimentar e autonomia econômica, valorizando e elevando as relações sociais de agricultores e consumidores. Este trabalho objetivou conhecer as características sociais e econômicas de produtores orgânicos. Foram aplicados questionários a 22 agricultores, membros da APOP – Associação de Produtores Orgânicos de Palotina. Os resultados mostraram que a faixa etária desses produtores varia entre 40 e 60 anos. As famílias são pequenas, com geralmente duas ou três pessoas envolvidas no trabalho produtivo. Quanto a escolarização, 38% completou o ensino fundamental, e 45% o ensino médio. A renda mensal geralmente varia de três até pouco mais de cinco salários mínimos. Metade dos entrevistados são proprietários de mais de 15 ha, ao passo que outros 30% têm terras de 10 a 15 ha. Pouco mais da metade obtêm sua renda exclusivamente da produção, e 70% utilizam somente mão-de-obra familiar. Pôde-se verificar que a APOP é representativa para a região. Os agricultores mostram-se otimistas em continuar com a produção orgânica, entendendo que o trabalho de divulgação e conscientização precisa se expandir e atrair mais o consumidor.

Palavras-chave: Agricultura orgânica; produção familiar; alimentos orgânicos.

Socioeconomic aspects of the Palotina/PR organic producers

Abstract: The organic system of food production requires a holistic ecosystem management, emphasizing the preservation of the environment and human health. Adopts measures that optimize the use of natural resources, while generating quality of life, food sovereignty and economic autonomy, enhancing and elevating the social relations of farmers and consumers. This study focused on the social and economic characteristics of organic producers. We surveyed 22 farmers, members of APOP - Organic Producers Association Palotina. The results showed that the age group of these producers varies between 40 and 60 years. Families are small with usually two or three people involved in productive work. As for education, 38% completed primary school, and 45% high school. The monthly income generally varies from three to just over five minimum wages. Half of the respondents are owners of more than 15 h, while another 30% have lands 10 to 15 ha. Just over half derive their income solely from the production, and 70% use only hand labor family. Could be verified that the APOP is representative for the region. Farmers are optimistic to continue with organic production, understanding that the work of dissemination and awareness needs to expand and attract more consumers.

Key-words: organic agriculture, family farming, organic food.

Introdução

¹ joaovictormartinelli88@gmail.com

² christopher.armstrong@ufpr.br

³ julianocordeiro@ufpr.br

O Brasil ocupa um lugar de destaque mundial no que se refere à capacidade produtiva do agronegócio, setor em franca expansão e atualmente responsável por 1/3 do PIB gerado no país.

O crescimento da produção agropecuária brasileira se deu de maneira exponencial em um período considerado curto, tendo sido registrado um aumento de 100% no segmento de grãos entre os anos 1990 e 2005, quando o volume total saltou de 57 para 115 milhões de toneladas (HEEMANN, 2009).

Favorecido por um conjunto de fatores, tais quais, diversidade climática, periodicidade de chuvas e área agricultável total estimada em 390 milhões de ha, o Brasil é referido frequentemente com muito otimismo no que diz respeito às projeções futuras sobre competitividade entre os países que lideram o ranking das potências agrícolas mundiais (LOURENÇO e LIMA, 2009).

Em comparação ao modelo convencional de produção de alimentos, no Brasil, a agricultura orgânica representa números menos expressivos, ainda que o cenário recente aponte para mudanças importantes. Especialistas do setor destacavam que em abril de 2014 a tendência era de crescimento, e o total estimado de produtores orgânicos fixava-se em 7.959 (EBC AGENCIABRASIL, 2014).

O Censo Agropecuário (IBGE, 2006) aponta que a agricultura orgânica representava, naquele período, 1,8% dos estabelecimentos rurais do Brasil (em torno de 90.497), contabilizando 4,9 milhões de ha, sendo 4,4 milhões de área não certificada (89,5%), e 517 mil de área certificada (10,5%). Quanto às propriedades, apenas 5,6% (5.106) eram certificadas, contra 94,4% (85.391) sem certificação (MELÃO, 2010).

Atualmente, se reconhece a dificuldade de mapear a capacidade produtiva dos alimentos orgânicos no Brasil, em toneladas e também em relação à renda total gerada, sobretudo por conta da venda direta, característica marcante do comércio desses produtos no país (CIAPO, 2012).

Existem algumas práticas básicas que precisam ser atendidas para que a produção seja considerada orgânica. Das quais se destacam o enriquecimento estritamente natural do solo, sem adubos ou fertilizantes químicos, ausência de OGMs, sementes transgênicas e/ou tratadas com pesticidas ou similares, bem-estar animal, isenção de contaminantes intencionais em todas as etapas do cultivo, utilização de recursos renováveis e promoção do uso saudável do solo, da água e do ar (BRASIL, 2003).

Como aponta Carmo (1998), analisando aspectos tecnológicos, ecológicos e socioeconômicos, a produção familiar, “dada as suas características de diversificação/integração de atividades vegetais e animais, e por trabalhar em menores escalas, pode representar o *locus* ideal ao desenvolvimento de uma agricultura ambientalmente sustentável”.

O produtor orgânico entende que precisa contribuir e ampliar ciclos biológicos dentro da lógica da agricultura; é também ciente da importância da diversidade genética do sistema de produção, de tal modo que se compromete em minimizar as formas de poluição e maximizar a fertilidade do espaço sob sua responsabilidade (SANTOS e MONTEIRO, 2004).

A maior parte da produção orgânica é desempenhada pela agricultura familiar. Do total de produtores orgânicos, 90% são também familiares (ARRUDA et al, 2008).

Apesar de não dispor de tanto espaço em relação ao agronegócio, França et al (2006), afirmam que grande parte dos alimentos produzidos no país, com destaque para o que efetivamente compõe as refeições diárias dos brasileiros, é de responsabilidade da agricultura familiar.

A produção orgânica do Paraná encontra-se distribuída espacialmente e é diversificada, o que contribui para o Estado ser um dos destaques brasileiros nesse ramo de agricultura. Dos seus estabelecimentos rurais, 82% são de agricultura familiar, o que significa 28% da área total (SALVADOR, 2011). Os dados do IBGE (2006) identificam cerca de 7 mil propriedades paranaenses com produção orgânica.

O presente estudo teve como objetivo o mapeamento socioeconômico dos produtores orgânicos do município de Palotina/PR. Buscou-se levantar os dados mais relevantes sobre sua estrutura econômica, além de elencar as características sociais que os constituem.

Material e Métodos

O município de Palotina está localizado no oeste do Paraná, nas coordenadas geográficas 24° 12' latitude sul e 53° 50' 30 longitude oeste no meridiano de Greenwich, com área de 651 km² e 28.683 habitantes (IBGE, 2012). Da área total, aproximadamente 14 km² são de área urbana, e o restante, algo entorno de 635 km², são explorados pela agropecuária.

A economia da cidade baseia-se principalmente na agroindústria, agropecuária e prestação de serviços. A média anual de temperatura é de 20°C, e o clima é subtropical úmido, com invernos frios ou amenos e verões frequentemente quentes.

A partir de 2002 os agricultores que empregavam o sistema de cultivo orgânico, organizaram a APOP – Associação de Produtores Orgânicos de Palotina, com o objetivo de promover a integração dos conhecimentos e o próprio desenvolvimento de suas propriedades.

Essa iniciativa pode viabilizar atividades, como, informações sobre cursos, acompanhamento técnico, técnicas de cultivo, dados sobre financiamento, entre outros pontos debatidos mensalmente nas reuniões.

A metodologia utilizada foi por abordagens quantitativas e qualitativas. A função da abordagem quantitativa é fornecer objetividade a determinados dados coletados, estruturando e focalizando a intenção da pesquisa e, desse modo, orientando respostas dedutivas generalizáveis a partir dos resultados. A abordagem qualitativa procura abarcar análises mais aprofundadas sobre os significados dos resultados obtidos (TERENCE e FILHO, 2010).

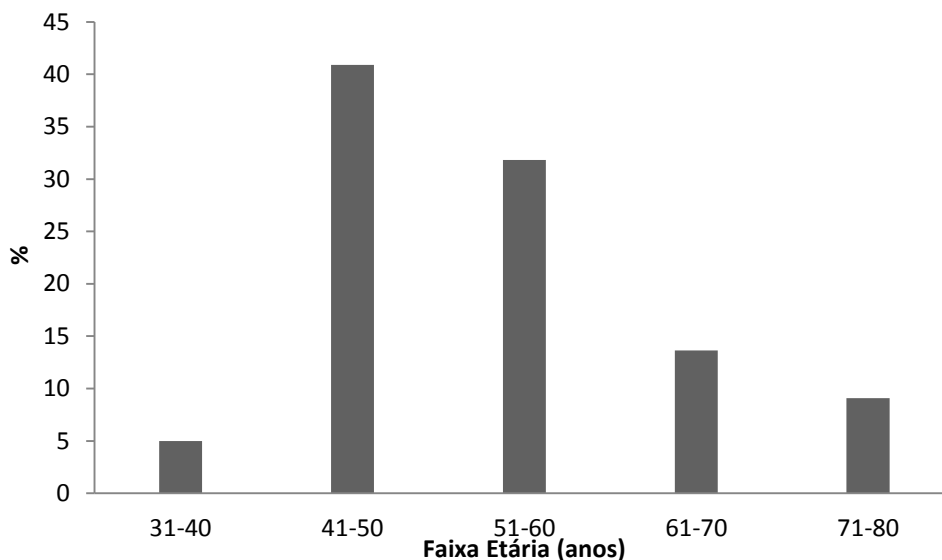
As informações foram obtidas pela aplicação de uma série de questões constantes na ficha de coleta de dados precedidos por entrevistas presenciais nas propriedades.

Ao todo foram entrevistados 22 agricultores entre ago-dez/13. As informações coletadas foram: idade, composição familiar, trabalhadores ativos por família, escolaridade, renda mensal e modo de obtenção, tamanho da propriedade, tipo de mão-de-obra empregada, financiamento, sistemas de produção, nível de satisfação quanto à produção, tempo em que praticam a agricultura orgânica e a questão do autoconsumo e comercialização.

Resultados e Discussão

A idade dos produtores entrevistados varia dos 30 a 75 anos aproximadamente. Verifica-se na Figura 1, que a maior concentração se encontra entre 41 a 60 anos, e cerca de 40% dos produtores têm até 50 anos.

Figura 1 – Faixa-etária dos produtores orgânicos do município de Palotina PR.



Em um trabalho com as mesmas características realizado em Campo Grande/MS, Biazussi *et al.* (2013) encontraram uma média de idade ligeiramente maior, onde aproximadamente 35% está na faixa entre 51 e 60 anos.

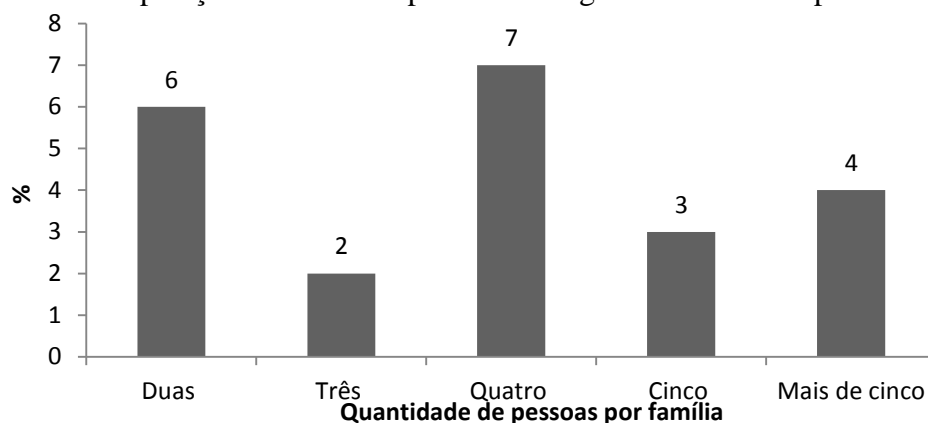
No estudo sobre a agricultura orgânica na região de Curitiba, Darolt (2000), constatou que a média de idade dos produtores situa-se entorno de 40 anos, ao passo que em Cajazeiras/PB, a faixa-etária média constatada é de 53,4 anos (VÁSQUEZ *et al.*, 2008).

A ausência de pessoas com menos de 30 anos de idade diretamente envolvidas na agricultura orgânica, aponta para uma reflexão sobre a longevidade dessa prática. A exigência do trabalho braçal no campo limita o tempo de aptidão do agricultor na manutenção da sua propriedade, e se os conhecimentos não podem ser transmitidos de modo que garantam a continuidade das atividades, sua permanência torna-se inviável.

A agricultura orgânica da região de Palotina é fortemente caracterizada pela organização entorno de pequenas famílias, o que justifica o fato de dificilmente haver funcionários empregados nas propriedades. A composição familiar, conforme indicado na Figura 2 é de principalmente 2 ou 4 pessoas.

O número reduzido de pessoas e a produtividade relativamente limitada não impedem que a busca por lucratividade se expanda entre esses produtores, fato não tão comum há algumas décadas, quando o pequeno produtor praticava predominantemente a agricultura de subsistência (CHIMELLO, 2010).

Figura 2 - Composição familiar dos produtores orgânicos do município de Palotina/PR.



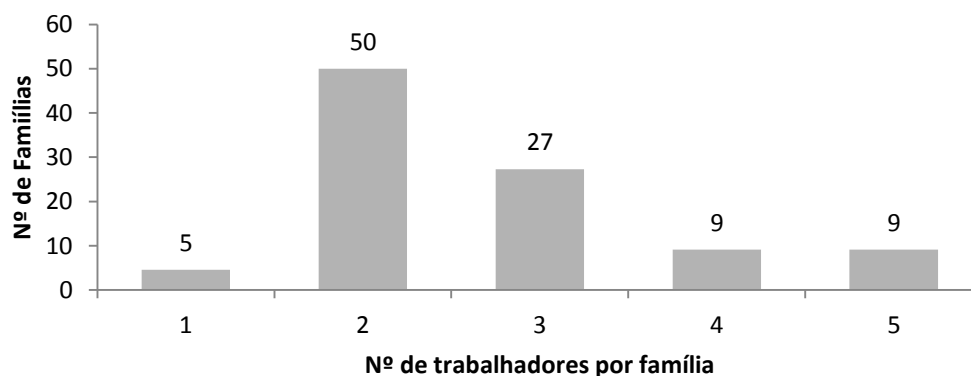
No município de Verê PR, Schoenhals *et al.*, (2009) em pesquisa semelhante, obtiveram resultado médio de três indivíduos por família.

De acordo com Mazzoleni (2006), a média nacional de pessoas por família produtora de alimentos orgânicos é de 4,3 pessoas, ao passo que os dados do MDA (2011), demonstram que a média de residentes em domicílio rural no Brasil, de um modo geral, é de 3,5 pessoas.

Corroborando a informação constatada na figura 3, quando analisado o número total de residentes em uma mesma família, observamos que a agricultura orgânica do município de Palotina/PR apresenta uma condição de trabalho relativamente desfavorável, sobretudo se for levada em conta a capacidade material de aumento de produtividade e conseqüentemente de lucro.

A Figura 3 revela que metade das propriedades funciona com duas pessoas, 27% contam com três trabalhadores, e a soma das que possuem quatro ou cinco indivíduos trabalhando totaliza 18%.

Figura 3 – Número de pessoas por família envolvidas na produção orgânica, no município de Palotina/PR.

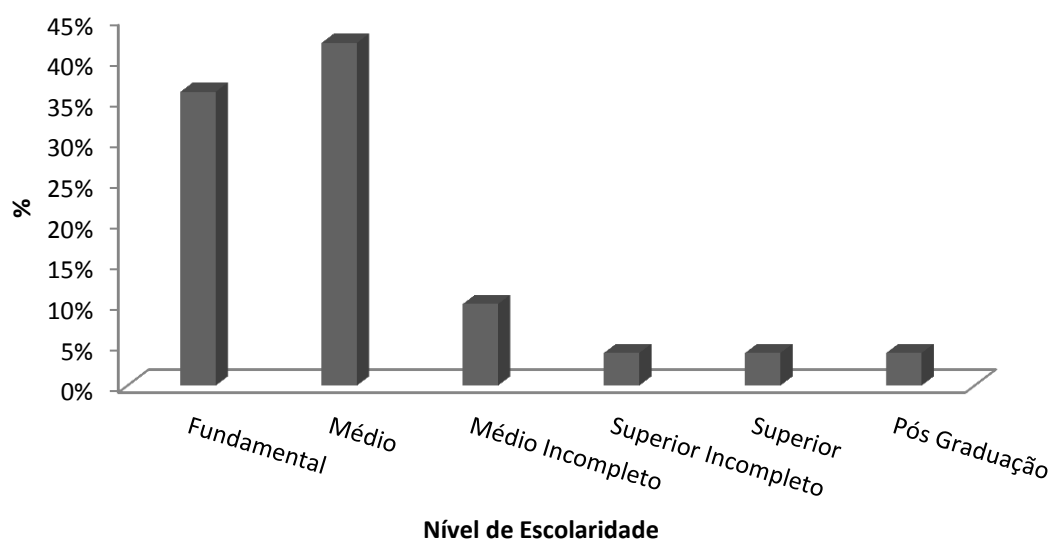


Ainda que o número médio de pessoas por família na pesquisa de Schoenhals *et al.*, (2009) seja de três pessoas, destas, no entanto, 65% trabalham com o cultivo de alimentos orgânicos, e os outros 35% ou são crianças ou têm empregos fixos no comércio local.

No município de Mundo Novo/MS a condição é semelhante. As propriedades são compostas principalmente por duas ou quatro pessoas, evidenciado o fato de que cada indivíduo responde por uma grande carga de trabalho.

Em relação à escolaridade, a Figura 4 mostra que perto de 38% dos agricultores dessa região estudaram até à conclusão do ensino fundamental, e quase 45% têm o ensino médio concluído.

Figura 4 – Escolaridade dos produtores orgânicos do município de Palotina/PR.



Entende-se que eles não enfrentaram grandes problemas de acessibilidade à educação básica, mas que a opção pelo trabalho no campo, aliada a outras questões, como, por exemplo, a dificuldade do ingresso em uma universidade pública próxima das suas residências, os fez não seguirem ao ensino superior.

Situação consideravelmente diferente pôde ser constatada em Cajazeiras/PB, porquanto na época da pesquisa apenas 11% dos produtores estudados haviam concluído o ensino médio, e 67% não terminaram sequer o ensino fundamental (VÁSQUEZ, 2008). A falta de escolaridade no campo está também expressa nos produtores de café orgânico de Londrina/PR, pois 54,55% frequentaram o ensino fundamental, e muitos deles nem o concluíram (MIGLIORANZA, 2006).

No município de Mundo Novo/MS, há a predominância de agricultores que chegaram ao quinto ano do ensino fundamental. A informação que pode ser deduzida dos dados desses

trabalhos é o fato de que os produtores rurais orgânicos são geralmente pessoas com idade avançada, e que, portanto, não tiveram, na época em que frequentaram o ensino fundamental, um esclarecimento a respeito da importância intransferível dos estudos. Desse modo, acabavam por realizar apenas a alfabetização e os anos iniciais, para então se dedicarem às tarefas do campo.

Quanto à origem da renda obtida mensalmente pelos produtores, identificou-se que há uma divisão quase equivalente entre aqueles que têm sua fonte de ganhos baseada unicamente nos cultivos em seus domínios, e os que, além de uma propriedade ativa, ainda complementam a renda com algum trabalho de natureza diversa.

No caso dos agricultores residentes na região de Palotina, por sua vez, esses trabalhos são a prestação de serviços, tanto na porção rural quanto na porção urbana da cidade, laboratório de análise de sementes, avicultura bem como na consequência da idade avançada, alguns dispõem da aposentadoria como renda complementar. Verificamos que 55% obtêm a renda unicamente da atividade na propriedade, ao passo que os 45% restantes associam sua produção orgânica com outra fonte rentável.

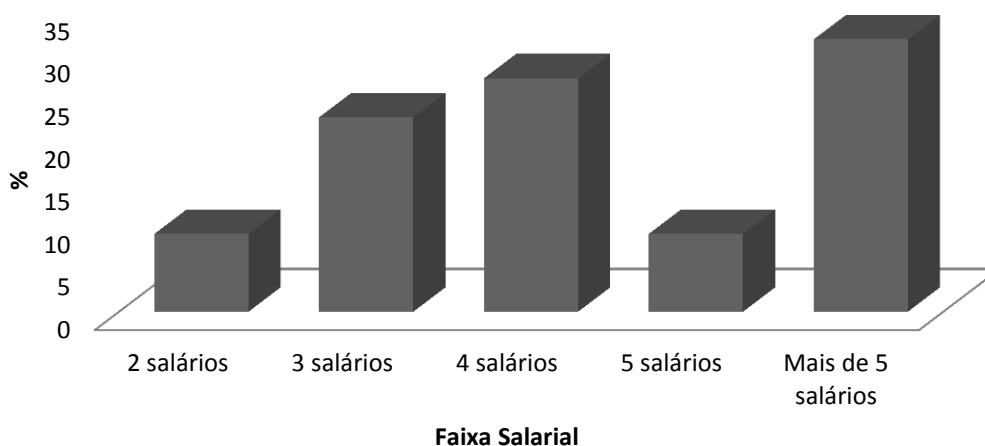
Há décadas é possível observar um processo de diversificação produtiva no meio rural, com ampla divisão social do trabalho, através da inclusão de inúmeras atividades não agrícolas, fazendo com que a agricultura não seja mais a única possibilidade de emprego às pessoas que moram nessas áreas (SCHEIDER, 2003).

Dados produzidos por Mazzoleni e Nogueira (2006), se aproximam dos números obtidos com os agricultores de Palotina, visto que naquele levantamento, 56% dos produtores desenvolviam outras atividades com a finalidade de complemento de renda. No estudo de Biazussi *et al.*, (2013), 30% das famílias entrevistadas apresentavam outras fontes de renda além da agricultura orgânica.

Pôde-se perceber que quase não há variações extremas na renda obtida mensalmente pelas famílias, uma vez que os ganhos oscilam preponderantemente entre três e pouco mais de cinco salários mínimos. As famílias que possuem membros que não trabalham diretamente no cultivo de alimentos orgânicos de suas propriedades, por conta de outros empregos diversos, os quais foram mencionados anteriormente, são as que totalizam rendas mais elevadas em relação àquelas que se mantêm exclusivamente da comercialização dos seus produtos.

A Figura 5 mostra que aproximadamente 35% recebem mais de cinco salários, e somados os que totalizam três e quatro salários mínimos em média, têm-se 55% das famílias.

Figura 5 – Renda mensal das famílias produtoras orgânicas do município de Palotina/PR.

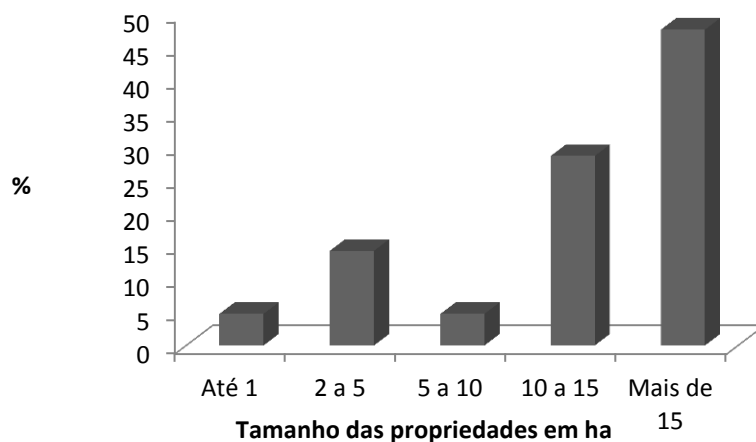


Convém mencionar as razões que costumam justificar o envolvimento de agricultores com a prática da agricultura orgânica. Para Flores *et al.*, (2009), a maior motivação é a possibilidade de ampliar a renda e o lucro, seguida de outros fatores, em ordem percentual decrescente, tais quais a ideologia, a estabilidade da renda, a noção ecológica desta atividade, e por fim, saúde e qualidade de vida.

No caso do estudo de Vásquez (2008), há uma inversão desses elementos, visto que a questão da saúde do trabalhador aparece em primeiro lugar na pesquisa, com 45% das opiniões, seguida de valorização do meio ambiente (22%), não utilização de agrotóxicos (11%), saúde do consumidor (11%) e sustento da família (11%).

O tamanho das propriedades orgânicas do município é representado na Figura 6. Quase 50% das propriedades têm mais de 15 ha, e praticamente 30% estão entre 10 e 15 ha.

Figura 6 – Tamanho das propriedades orgânicas no município de Palotina PR.



Por definição, a Posse Rural Familiar é aquela explorada especialmente mediante o trabalho pessoal do agricultor e empreendedor familiar rural, tendo eventualmente a inclusão da mão-de-obra de terceiros (IAP, 2014).

Em relação à definição do tamanho, usa-se a unidade de medida em ha conhecida como módulo fiscal, a qual é específica para cada município brasileiro e definida por uma série de itens, tais quais, a cultura predominante naquela localidade e seu potencial de obtenção de renda, outras culturas não predominantes, a distância dos grandes centros, entre outros elementos (JUSBRASIL, 2014).

As propriedades que compõem a Associação de Produtores Orgânicos de Palotina-APOP, são unidades familiares que têm como fundamento garantir a subsistência e o progresso social e econômico dos seus membros.

No estudo de Biazussi (2013), verificou-se que as propriedades de Mundo Novo/MS se enquadram na definição de pequenas e de característica familiar, com tamanho predominante entre 5 e 14 ha. No município de Verê/PR, o quadro é semelhante, visto que as propriedades vão de menos de 1 ha até, no máximo, 23,5 ha, entretanto, as dimensões mais recorrentes se mantêm entre 4,8 e 13,6 ha (SCHOENHALS, 2009).

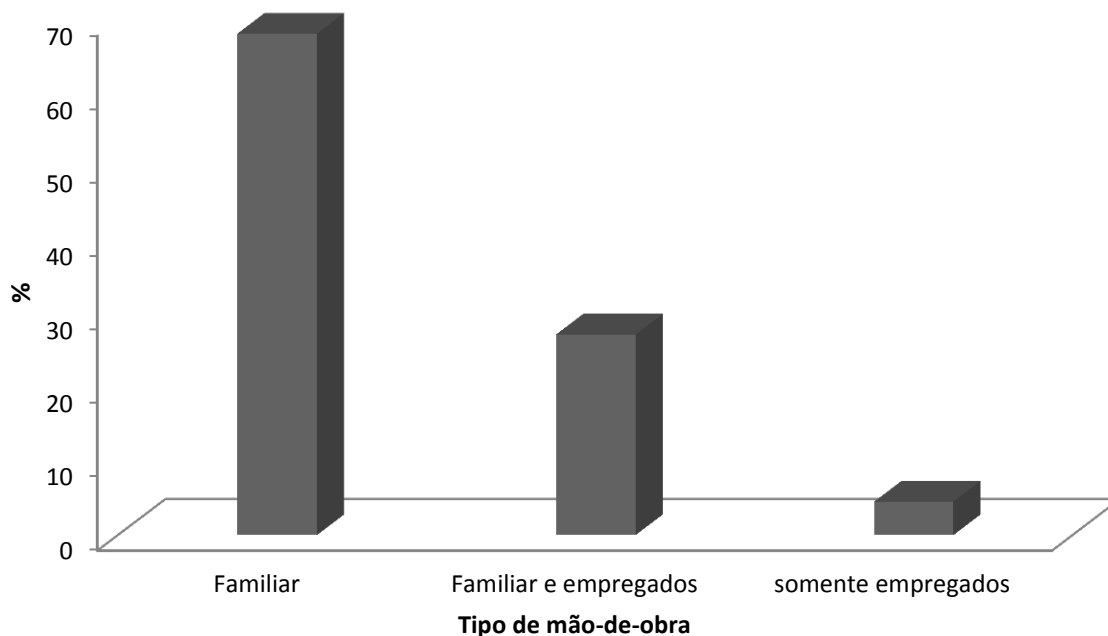
No trabalho de Miglioranza (2006), o tamanho médio das propriedades orgânicas de café do município de Londrina/PR foi estimado em 12 ha. Característica típica da agricultura familiar, sobretudo na produção de alimentos orgânicos, é a larga utilização, nas suas propriedades, de mão-de-obra dos próprios membros de uma mesma família prescindir dos insumos já tradicionais no mercado, assim como do uso de maquinário pesado, exige a intensificação dos trabalhos manuais, em virtude da redução da movimentação do solo (ORMOND *et al.*, 2002).

Ainda que utilizem mais mão-de-obra e tenham produtividade comparativamente menor aos sistemas convencionais, o modelo de produção orgânica costuma demonstrar um desempenho econômico proporcionalmente melhor, tendo em vista os menores custos efetivos utilizados, a relação custo-benefício mais significativa, além da obtenção das maiores rendas efetivas (CAMPANHOLA, 2001).

Conforme a Figura 7 em 70% das propriedades os trabalhos relacionados ao cultivo das lavouras são realizados apenas por membros da família. Em aproximadamente 30% há, além da mão-de-obra familiar, o auxílio de empregados contratados, ao passo que em menos de 10% a produção é feita somente por funcionários. Esse quadro reitera a noção de que a

agricultura orgânica é fortemente caracterizada pelo cultivo de alimentos a partir de pequenos agrupamentos familiares.

Figura 7 – Tipo de mão-de-obra empregada nas propriedades com produção orgânica do município de Palotina/PR.



Quanto ao acesso ao crédito, 67% dos produtores responderam ter algum tipo de financiamento. Nesse sentido, Vásquez (2008) demonstra que para 56% dos produtores entrevistados em sua pesquisa, a falta de investimentos públicos na produção orgânica é o fator que mais dificulta a expansão da produção e a comercialização dos seus produtos.

O decreto que instituiu Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (BRASIL, 2012) expõe integralmente que nas ações político-governamentais, há inúmeras referências sobre a necessidade de avançar quanto ao financiamento para que os agricultores que desejarem fazer a transição do modelo convencional de cultivo para o modelo de cultivo orgânico.

Para Machado e Corazza (2004), processo de adequação costuma ser longo e custoso, e ainda que novas perspectivas de aumento do apoio aos sistemas orgânicos estejam aparecendo, o modelo de crédito agrícola brasileiro continua sendo fortemente baseado na ideia da agricultura da revolução verde.

A menor parte dos agricultores, portanto os 33% restantes, fazem a manutenção da sua produção sem o mecanismo do crédito a partir de um financiamento. A organização dos produtores em uma associação favorece a proximidade e a troca de informações, e o aspecto

positivo dessa relação pode, por exemplo, fazer com que práticas que estão dando certo para uns, influenciem outros.

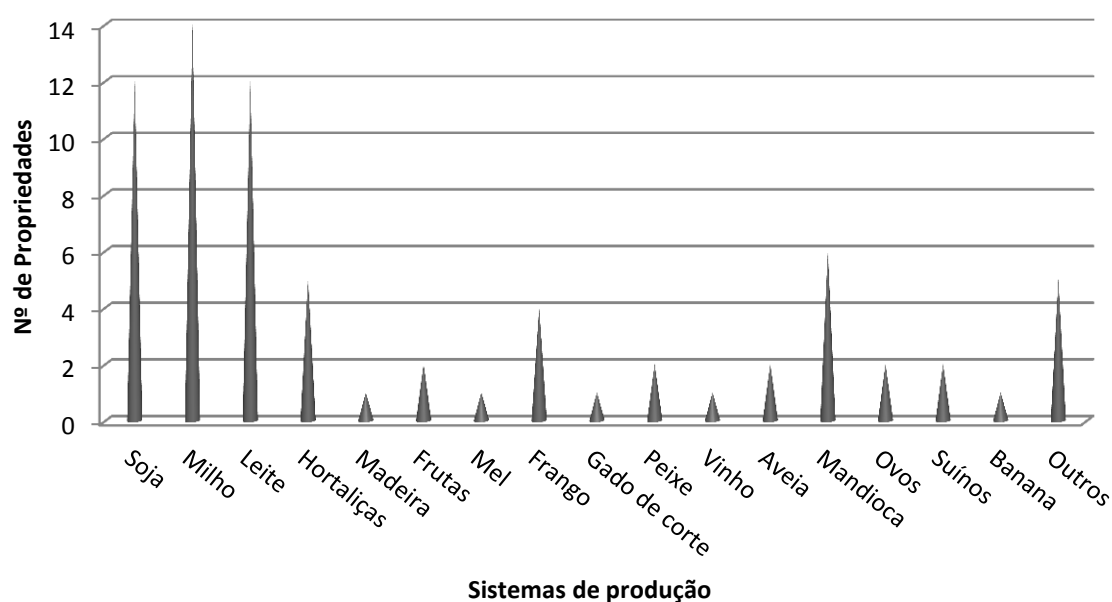
Dos produtores entrevistados constatou-se também que 68% realizam trocas de serviços com vizinhos, dentre as quais foram mencionadas: troca de silagem, auxílio na colheita, frete, mão-de-obra para o plantio, disponibilização de maquinário, carregamento, e troca de implementos.

Quanto aos produtos cultivados verifica-se a diversificação característica do pequeno produtor familiar, e seis culturas destacam-se por terem sido mencionadas com mais frequência, a saber, o milho, soja, leite, mandioca e frango, todos os alimentos populares e de ampla aceitação no mercado direto ou indireto.

Para Mazzoleni e Nogueira (2006), os agricultores certificados têm em média onze espécies em suas atividades, e a justificativa da busca por uma produção diversificada depende de se alcançar uma conquista técnica, administrativa e comercial, de modo que um determinado número de espécies possa assegurar a estabilidade da renda no processo produtivo.

O resultado do gráfico da Figura 8, apresenta ligeira diferença em relação às culturas normalmente predominantes entre produtores orgânicos, visto que frutas, verduras e legumes costumam ser mais atraentes em virtude da facilidade de alcançarem um preço final considerável, mesmo que a produtividade não seja em grande escala.

Figura 8 – Sistemas de produção dos produtores orgânicos do município de Palotina/PR.



A esse respeito, no município de Verê/PR os seis produtos com maior volume de produção são os seguintes: tomate, alface, vagem, pepino, beterraba e cenoura (SCHOENHALS *et al.*, 2009).

No caso do estudo de Biazussi *et al.*, (2013), com a exceção do largo cultivado de abacaxi, o qual atende uma peculiaridade descrita no trabalho, os demais principais produtos se assemelham aos da pesquisa realizada na região de Palotina, estando a mandioca, o milho, a acerola e o leite com os maiores volumes de produção.

Com relação ao alimento produzido entorno de 22%, declaram que o mesmo é inteiramente comercializado, ao passo que aproximadamente 78% consomem parte de sua produção.

Inúmeras são as motivações para que os agricultores continuem a produzir para o autoconsumo. Grisa e Schneider (2008) elencam, sobretudo a questão da segurança alimentar envolvida nessa prática; o fator da economia; a preservação da cultura pela preferência aos alimentos locais; e também o valor social de poder trocar alimentos com os vizinhos.

Ter na propriedade uma importante fonte alimentar à sua família, e muitas vezes também aos vizinhos, representa ao agricultor familiar a valorização de um aspecto não mercantil da agricultura, tão importante para a sua identidade cultural (DEVES & FILIPPI, 2008).

Conhecer a medida de tempo em que os agricultores lidam com a produção orgânica é um importante indicador da experiência dos mesmos nesse sistema de produção. Além do que, sugere que etapas prévias à consolidação do seu trabalho já foram ultrapassadas.

O período necessário à transição do modelo convencional ao orgânico não é facilmente determinado, pois cada localidade apresenta condições que precisam ser analisadas separadamente. O mapeamento dos processos a serem realizados é feito principalmente em função do tempo em que a propriedade recebeu práticas convencionais, para que então seja possível diagnosticar qual foi o impacto total (FEIDEN *et al.*, 2002).

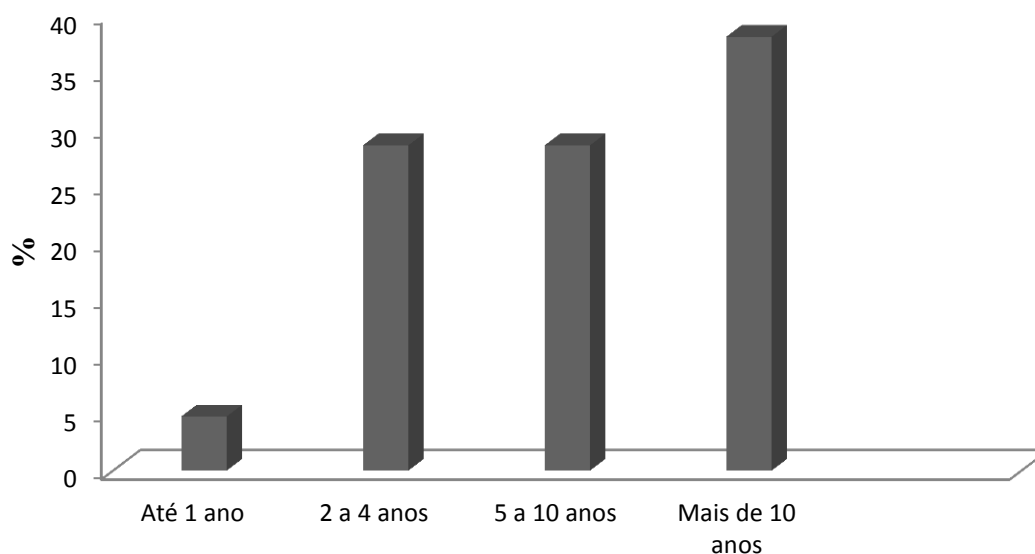
Alguns casos relatados demonstram que a conversão dura em média de um ano e meio a três, até que a determinada área esteja apta a receber a certificação, atestando a produção orgânica (TEGNER, 2013).

Sobre esse aspecto, os produtores da região de Palotina/PR estão em sua maioria bem adaptados à produção orgânica, como mostra a Figura 9. O percentual mais alto, a saber, 38%, é daqueles que já estão há mais de dez anos nesse trabalho. Somados os que produzem

alimentos orgânicos a partir de dois a quatro anos, com os que estão nessa atividade entre cinco a dez anos, tem-se aproximadamente 60%.

Em Cajazeiras/PB, a situação é bem diferente. Os produtores orgânicos estudados por Vásquez *et al* (2008) estão há, no máximo, cinco anos envolvidos com a produção orgânica, e estes ainda representam uma minoria de 11%. Os maiores índices concentram-se na faixa de três a quatro anos: 44%, seguidos por 34% os quais desempenham esta agricultura entre um a dois anos.

Figura 9 – Tempo em que os agricultores trabalham com o cultivo de produtos orgânicos em Palotina/PR.



Foi possível observar que os agricultores se mostraram em grande medida contentes com sua produção. Aproximadamente 75% classificaram-na como boa; 20% como razoável, e apenas 5% indicaram que há a necessidade de mudanças mais significativas. Pode-se perceber que as adversidades não têm se sobressaído às perspectivas otimistas entre esses agricultores, o que por si só representa um aspecto importante à continuidade da produção orgânica em suas propriedades.

Conclusões

A agricultura orgânica do município cumpre um papel muito significativo, por disponibilizar à população alimentos diversificados e de qualidade, assim como possibilita a autonomia econômica de muitas famílias rurais.

A associação de produtores representa um espaço de fomento à cultura alimentar tradicional e à troca de saberes, doando credibilidade ao projeto de ampliação da produção orgânica de alimentos e manutenção da agricultura familiar na região.

Os agricultores mostraram-se em sua maioria satisfeitos com a produtividade, e entendem que há a perspectiva da adesão de outros trabalhadores à associação. Ressaltam, entretanto, que a intensidade do trabalho aliada ao número limitado de mão-de-obra podem, muitas vezes, condicionar reduções nas diversas culturas de suas propriedades.

Entende-se, contudo, que para aumentar a demanda, a região necessita de um trabalho de conscientização sobre a importância da alimentação consciente. Produtores e consumidores podem ter mais referências teóricas e práticas de toda a problemática envolvida na agroecologia.

Agradecemos aos colegas Augusto Sérgio Tebaldi Binsfeld, Dimitri Ricardo Pistore, Estela Delazeri Glaeser, Kelly Cristina Gomes da Costa, Mirian Cristina Brustolin e Ruan Carlos Navarro Furtado pelo apoio nas aplicações das fichas de coleta de dados.

Referências

ARRUDA, C.S, ANJOS, D.M, RIBEIRO, T.R._A competitividade da cadeia produtiva de orgânicos para agricultura familiar. **Revista de Estudos Sociais** - ano 10, n. 19, v. 1, 2008.

BIAZUSSI, A. T., SILVA, P. C. S., LIMA, P. R., ECCO, M., ROSSET, J. S. Análise socioeconômica dos produtores orgânicos no município de Mundo Novo/MS: Estudo de caso. **Cultivando o Saber**, Cascavel, v. 6, n.1, p. 25-39, 2013.

BRASIL. **DECRETO Nº 7.794, DE 20 DE AGOSTO DE 2012.** Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/Ato2011-2014/2012/Decreto/D7794.htm> . Acessado em : 20/04/2015.

BRASIL. **LEI Nº 10.831, DE 23 DE DEZEMBRO DE 2003.**Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.831.htm. Acesso em : 15/05/2015.

CAMPANHOLA, C., VALARINI, P. J. A agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno produtor. **Cadernos de Ciências e Tecnologia, Brasília**, v. 18, n.3, p 69-101, set/dez. 2001.

CARMO, M. S do. A Produção familiar como locus ideal da agricultura sustentável. **Agricultura em São Paulo**, v.45, n.01, p.1-15, 1998.

CHIMELLO, R. Fatores determinantes da produção para autoconsumo na agricultura familiar. **Unoesc & Ciência – ACET**, Joaçaba, v. 1, n. 2, p. 163-174, jul./dez, 2010.

CIAPO, Câmara Interministerial de Agroecologia e Produção Orgânica. Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica - **PLANAPO**. Brasília, DF: MDS; CIAPO, 2013.

DAROLT, M.R. **As Dimensões da Sustentabilidade: Um estudo da agricultura orgânica na região metropolitana de Curitiba-PR.** 2000. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná e Universidade de Paris VII, Curitiba.

DEVES, O. D; FILIPPI, E.E. a segurança alimentar e as experiências das políticas agro-alimentares locais no fortalecimento da agricultura familiar. **IV Congresso Int. de la Red SIAL**, Argentina/ Mar del Plata, 27 al 31 de Octubre de 2008.

DIEESE, NEAD, MDA. **Estatísticas do meio rural 2010-2011.** 4. ed. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, Ministério do Desenvolvimento Agrário. 292p. São Paulo, 2011.

EBC AGÊNCIA BRASIL. **Produção orgânica mostra tendência de crescimento no país.** Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos, Ministério da Agricultura. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-04/producao-organica-mostra-tendencia-continuada-de-crescimento>. Acessado em 03/03/2015.

FEIDEN, A; ALMEIDA, D.L; VITOI, V; ASSIS, R.L. Processo de conversão de sistemas de produção convencionais para sistemas de produção orgânicos. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 19, n. 2, p.179-204, Mai/Ago, 2002. Trimestral.

FLORES, J. C. O, ABOUD, A. C. S., NETO, C.C. Características sociais dos produtores orgânicos da ABIO no estado do Rio de Janeiro. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**. Vitória da Conquista-BA, n. 7, 141-158. 2009.

FRANÇA, C.G (et al). **O censo agropecuário 2006 e a agricultura familiar no Brasil.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2009.

GRISA, C; SCHNEIDER, S. "Plantar pro gasto": a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Rio Grande do Sul, v. 46, n. 2, p.481-515, abr./jun. 2008. Trimestral.

HEEMANN, F. **O Cultivo do Fumo e Condições de Saúde e Segurança dos Trabalhadores Rurais.** 2009. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

IAP- Instituto Ambiental do Paraná. Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **Cadastro Ambiental Rural do Paraná (CAR-PR)** - Pequena propriedade ou posse Rural Familiar. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1324> Acessado em 05/09/2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Agropecuário 2006. Disponível em: <http://prefira.organicos.com.br>. Acessado em 14/07/2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. Disponível em: http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_urb_rur.php?codigo=411790. Acesso em: 00/00/15

LOURENÇO, J.C., DE LIMA, C.E.B. Evolução do Agronegócio Brasileiro, Desafios e Perspectivas. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**. n. 118, 2009. Texto completo em <http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/>.

MACHADO, F., CORAZZA, R. Desafios tecnológicos, organizacionais e financeiros da agricultura orgânica no Brasil. APORTES, **Revista de la Facultad de Economía**, BUAP, ano IX, n. 26, mai./ago., 2004.

MAZZOLENI, E. M., NOGUEIRA, J. M. Agricultura orgânica: características básicas do seu produtor. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, vol. 44, n. 2, Brasília abril/junho 2006.

MELÃO, I. B; IPARDES. Desenvolvimento Rural Sustentável a Partir da Agroecologia e da Agricultura Orgânica: O Caso do Paraná. Disponível em: www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/NT_08_desenv_rural.pdf . Acessado em 15/07/2014.

MIGLIORANZA, R., MASSARUTTI, J., MIGLIORANZA, E. **Perfil dos produtores de café orgânico e de café tradicional do município de Londrina – PR, Brasil**. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2006.

MONTEIRO, M, SANTOS, C. G. **Sistema Orgânico de Produção de Alimentos**. Departamento de Alimentos e Nutrição. Faculdade de Ciências Farmacêuticas. UNESP, 14801-902. Araraquara, SP, Brasil. v.15, n.1, 2004.

OLIVEIRA, M.M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3ª edição. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 2010.

ORMOND, J.G.P, DE PAULA, S.R.L, FILHO, P.F, DA ROCHA, L.T.M. **Agricultura orgânica: Quando o passado é Futuro**. BNDES Setorial. Rio de Janeiro, n. 15, p. 3-34, mar. 2002.

SALVADOR, C.A. **Agricultura orgânica**. Análise da Conjuntura Agropecuária - Safra 2011/12. Secretaria da agricultura e do abastecimento - Departamento de economia rural. Outubro de 2011.

SCHEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 99-121, 2003.

SCHOENHALS, M., FOLLADOR, F. A. C., WINCK, C. Aspectos sociais, ambientais e econômicos da agricultura orgânica – estudo de caso em Verê-PR. **Engenharia Ambiental**. Espírito Santo do Pinhal, v. 6, n. 1, p. 269-292, jan/abr 2009.

TEGNER, André. **A transição da agricultura convencional para a agricultura orgânica na cooperativa de produção e comercialização vida natural**. 2013. 49 f. TCC (Graduação) Curso de Curso Superior de Tecnologia em Desenvolvimento Rural-PLAGEDER, Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Picada Café, 2013.

TERENCE, A.C.F.; ESCRIVÃO FILHO, E. Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ação nos estudos organizacionais. In: XXVI ENCONTRO

NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO - ENEGEP, 9 a 11 de 2006, Fortaleza - CE. *Anais...* Fortaleza - CE: ABEPRO; UFCE

VÁSQUEZ, S.F., BARROS, J.D.S., SILVA, M.F.P. Agricultura Orgânica: caracterização do seu produtor na cidade de Cajazeiras-PB. **Revista Verde** (Mossoró – RN – Brasil) v.3, n.2, p 87 – 97 de janeiro/março de 2008. Disponível em: <http://revista.gvaa.com.br>. Acesso em: 00/00/15.